

**COMO
A EUROPA
SUBDESEN
VOLVEU A
ÁFRICA**



walter rodney

**COMO
A EUROPA
SUBDESEN
VOLVEU A
ÁFRICA**

APRESENTAÇÃO

ANGELA DAVIS

TRADUÇÃO

HECI REGINA CANDIANI



© desta edição, Boitempo, 2022

© Verso, 2018

© Walter Rodney, 1972 © Patricia Rodney, 2018

© posfácio, A. M. Babu, 1971, 2018 © apresentação, Angela Y. Davis, 2018

© introdução, Vincent Harding, William Strickland e Robert Hill 1981, 2018

Traduzido do original em inglês *How Europe underdeveloped Africa*

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Thais Rimkus

Coordenação de produção Juliana Brandt

Assistência editorial João Cândido Maia

Assistência de produção Livia Viganó

Tradução Heci Regina Candiani

Preparação Joice Nunes

Revisão Clara Altenfelder Caratta

Índice (paginação) Clara Altenfelder Caratta e Daniel Aurélio

Capa e diagramação Antonio Kehl, imagem de
Walter Rodney Foundation

Equipe de apoio Elaine Ramos, Erica Imolene, Frank de Oliveira, Frederico Indiani,
Higor Alves, Isabella Meucci, Ivam Oliveira, Kim Doria, Lúgia Colares, Luciana Capelli,
Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol Robles, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio,
Raí Alves, Tulio Candiotto, Uva Costruiba

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R595c

Rodney, Walter

Como a Europa subdesenvolveu a África / Walter Rodney ; tradução Heci Regina
Candiani ; apresentação Angela Y. Davis ; introdução Vincent Harding, Robert Hill,
William Strickland ; posfácio A. M. Babu. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2022.

Tradução de: *How Europe underdeveloped Africa*

ISBN 978-65-5717-190-5

1. África - Condições econômicas. 2. Europa - Relações econômicas internacionais
- África. 3. África - Relações econômicas internacionais - Europa. I. Candiani, Heci
Regina. II. Davis, Angela y. III. Harding, Vicent. IV. Hill, Robert. V. Strickland,
William. VI. Babu, A. M.

22-80357

CDD: 337.406

CDU: 339(4+6)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2022; 1ª reimpressão: outubro de 2024

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br

facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo

youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

Para Pat, Muthoni, Mashaka e familia ampliada.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – <i>Angela Y. Davis</i>	9
PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO	15
1. ALGUMAS QUESTÕES SOBRE DESENVOLVIMENTO	31
2. COMO A ÁFRICA SE DESENVOLVEU ANTES DA CHEGADA DOS EUROPEUS – ATÉ O SÉCULO XV	59
3. A CONTRIBUIÇÃO DA ÁFRICA AO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA DA EUROPA – O PERÍODO PRÉ-COLONIAL.....	101
4. A EUROPA E AS RAÍZES DO SUBDESENVOLVIMENTO AFRICANO – ATÉ 1885	119
5. A CONTRIBUIÇÃO DA ÁFRICA AO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA DA EUROPA – O PERÍODO COLONIAL.....	175
6. COLONIALISMO COMO SISTEMA DE SUBDESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA.....	233
POSFÁCIO – <i>A. M. Babu</i>	317
GUIA DE LEITURAS RECOMENDADAS	323
ÍNDICE REMISSIVO	331
SOBRE O AUTOR	351

PREFÁCIO

Este livro nasce de uma preocupação com a situação africana contemporânea. Ele investiga o passado apenas porque, sem isso, seria impossível entender como o presente se manifesta e quais são as tendências para o futuro próximo. Na busca por uma compreensão do que hoje é chamado de “subdesenvolvimento” da África, os limites da investigação tiveram de ser fixados em épocas tão distantes quanto o século XV, por um lado, e o fim do período colonial, por outro.

Idealmente, uma análise do subdesenvolvimento deveria se aproximar ainda mais do presente, para além do fim do período colonial, na década de 1960. O fenômeno do neocolonialismo exige uma extensa investigação a fim de formular a estratégia e a tática de emancipação e desenvolvimento africanos. Este estudo não avança tanto, mas certas soluções estão ao menos implícitas em uma avaliação histórica correta – assim como na medicina os remédios são indicados ou contraindicados a partir do diagnóstico adequado da condição do paciente e do histórico preciso do caso. Espero que os fatos e a interpretação que se seguem contribuam para reforçar a conclusão de que o desenvolvimento africano só é possível a partir de uma ruptura radical com o sistema capitalista internacional, que tem sido o principal agente do subdesenvolvimento da África nos últimos cinco séculos.

Como o público leitor observará, a questão da estratégia de desenvolvimento é explorada brevemente na seção final por A. M. Babu, ex-ministro de Assuntos Econômicos e Promoção do Desenvolvimento, que tem estado ativamente envolvido na formulação de políticas nesse sentido na Tanzânia. Não é por acaso que o texto como um todo tenha sido escrito na Tanzânia, onde expressões de preocupação com o desenvolvimento são acompanhadas por uma ação mais positiva que em várias partes do continente.

Muitos colegas e camaradas participaram da preparação deste trabalho. Agradecimentos especiais devem ser dirigidos aos camaradas Karim Hirji e Henry Mapolu, da Universidade de Dar es Salaam, que leram o manuscrito com espírito de crítica construtiva. Mas, ao contrário da tendência da maioria dos prefácios, não vou acrescentar que “todos os erros e falhas são de minha inteira responsabilidade”. Isso é puro subjetivismo burguês. Em temas como este, a responsabilidade é sempre coletiva, especialmente no que diz respeito à correção de erros. O objetivo foi tentar chegar às pessoas africanas que buscam se aprofundar na natureza da exploração que as atinge em vez de satisfazer os “padrões” estabelecidos por nossos opressores e seus porta-vozes no mundo acadêmico.

Walter Rodney
Dar es Salaam

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, precisamos confessar como tem sido difícil aceitarmos o fato inegável de que Walter Rodney, nosso irmão, amigo e camarada, está morto. Em 13 de junho de 1980, o autor desta obra de análise histórica sem paralelos tornou-se a vítima mais conhecida de uma campanha sistemática de assassinato e repressão implacável, levada a cabo pelas autoridades que governavam sua terra natal, a Guiana.

O fim era previsível, pois Walter havia determinado que o único caminho para o verdadeiro desenvolvimento humano e a libertação da maioria do povo de seu país passava pela transformação da própria vida em uma luta para substituir e reformular o governo neocolonialista que dominava a sociedade local e regulava sua existência. Porém, Forbes Burnham, então presidente da Guiana, havia evidenciado em muitas ocasiões que, nessa luta por corações e mentes da população, ele desconhecia limites para sua determinação de “exterminar as forças opositoras”. Na opinião de muitas pessoas, não há dúvida de que a bomba que tirou a vida de Walter Rodney foi consequência da promessa mortal de Burnham.

Por mais difícil que seja aceitar e assimilar sua morte, temos de começar por esse ponto não por objetivos sentimentais ou de provocação política, mas porque uma nova introdução a *Como a Europa subdesenvolveu a África* não é possível sem um encontro sério e direto com Walter Rodney, o intelectual e revolucionário, o intelectual-revolucionário, o homem de imensa integridade e esperança.

Mais que a maioria dos livros do mesmo gênero, esta obra é nitidamente imbuída do espírito, do intelecto e do compromisso do autor – tanto o homem que produziu o estudo audacioso e abrangente antes dos trinta anos quanto o homem que se adaptou, com uma integridade inabalável, para viver de acordo com as implicações dessa análise em sua vida relativamente breve.

Para Rodney, vida e obra eram uma unidade, e sua vida nos leva a lembrar os temas essenciais deste estudo. Apesar do título, esta não é apenas uma obra sobre opressores europeus e vítimas africanas, servindo principalmente como arma para julgar exploradores e vencê-los em seus próprios jogos intelectuais. (É claro, o texto prestou um serviço valioso nesse sentido.) No entanto, há muito mais nesta pesquisa magistral que, em seus níveis mais profundos, não oferece conforto a nenhum de nós.

Em determinado ponto, logo no início, Rodney resume a mensagem fundamental do livro:

A questão referente a quem e o que é responsável pelo subdesenvolvimento da África pode ser respondida em dois níveis. Em primeiro lugar, a resposta é que o funcionamento do sistema imperialista arca com grande responsabilidade pelo atraso econômico africano, ao drenar a riqueza e ao impossibilitar o desenvolvimento mais rápido dos recursos do continente. Em segundo lugar, é preciso lidar com aqueles que manipularam o sistema e aqueles que são seus agentes ou cúmplices involuntários. Os capitalistas da Europa ocidental ampliaram ativamente a exploração a partir do continente europeu para abranger toda a África.

Nos últimos tempos, foram acompanhados e, em certa medida, substituídos por capitalistas dos Estados Unidos, e já faz muitos anos que até mesmo a classe trabalhadora desses países, as metrópoles, se beneficia da exploração e do subdesenvolvimento da África.¹

Walter embasou tudo isso com um conjunto farto e criativo de exemplos precisos de várias fontes, períodos e lugares. Ainda assim, ele não estava satisfeito em desferir golpes bem documentados nos opressores – embora fosse mestre nessa atividade. Nem bastava lembrar a muitos de nós que vivemos nos Estados Unidos que nossa negritude não nos isentava da participação voluntária nos benefícios que nosso país tirava da exploração da África. Pelo contrário, o resumo que ele fez dos temas centrais do livro é concluído com palavras que iam além de acusação ou culpa.

Ele disse:

Nenhuma dessas observações tem a intenção de retirar dos ombros dos povos africanos a responsabilidade principal pelo desenvolvimento. Não só a África tem

¹ Ver p. 57-8 neste volume.

cúmplices dentro do sistema imperialista, como cada pessoa africana tem a responsabilidade de compreender o sistema e trabalhar para sua derrocada.²

Ao contrário de muitos de nós que lemos e escrevemos palavras como essas, Walter as levava a sério. Sabia o que significavam para ele, para os filhos e as filhas da África no Caribe e nos Estados Unidos; para indianos, asiáticos e muitos outros povos que foram vítimas nas mãos do subdesenvolvimento fomentado pela Europa. Aliás, ele sabia que eram palavras igualmente destinadas a todos os europeus e os estadunidenses que se solidarizavam com a luta do Terceiro Mundo por desenvolvimento e libertação.

Rodney conceituou e analisou a hipótese de que o novo desenvolvimento de povos africanos e outros povos dependentes da “periferia” exigiria o que ele chamou de “uma ruptura radical com o sistema capitalista internacional”, uma contestação corajosa do “centro” fracassado da ordem mundial vigente. Ele, é claro, também sabia que qualquer ruptura ou contestação séria integraria e precipitaria mudanças revolucionárias profundas no próprio centro. Assim, de seu ponto de vista, o que estava em jogo, o que era extremamente necessário, em última análise, era uma transformação fundamental na disposição das forças políticas, culturais e econômicas que dominaram o mundo por quase meio milênio.

Essa era uma visão impressionante, ainda mais porque Walter ousou dizer e acreditar que uma transformação tão imensa devia ser iniciada por populações africanas e habitantes das outras regiões submetidas à exploração e à subordinação. No entanto, ele não se esquivou das implicações de sua própria análise. Pelo contrário, continuou – em especial com seu exemplo – a encorajar todos nós a nos aproximarmos de uma visão radicalmente transformada de nós mesmos e de nossas capacidades para mudar nossa vida e nossas condições objetivas. De forma discreta e insistente, ele nos encorajou a afirmar nossa plena responsabilidade pelo engajamento na luta por uma nova ordem mundial.

Ninguém poderia ignorar o trabalho de Walter nem questionar seu apelo, pois ele deu o exemplo assumindo a própria parte dessa impressionante responsabilidade. Por isso ele estava na Guiana em junho de 1980. Por isso ele estava lá desde 1974, desenvolvendo a liderança da chamada Aliança da População Trabalhadora (WPA, na sigla em inglês), lutando para sustentar sua família e, de alguma maneira, encontrando tempo para conduzir pesquisas e escrever a

² Ver p. 58 neste volume.

história da população trabalhadora de seu país e de outras regiões caribenhas. Por isso ele foi assassinado.

Em meio a nossa tristeza e indignação, nenhum de nós que conhecíamos Walter poderia dizer honestamente ter se surpreendido com a notícia de sua morte, pois sua vida envolvia certa consistência e integridade que não podiam ser ignoradas ou renegadas. Na verdade, em sua existência relativamente curta, certos padrões foram estabelecidos desde cedo. Nascido em 23 de março de 1942, Rodney cresceu em Georgetown, a capital da então Guiana Britânica. Fez parte de uma família que assumiu a política transformadora com grande seriedade. Seus pais, em particular seu pai, estiveram profundamente envolvidos no desenvolvimento do Partido Popular Progressista (PPP), um partido multirracial que, na época, era a única organização política de massa no Caribe que expunha o povo ao pensamento marxista/socialista mundial, bem como criava possibilidades de futuros alternativos além da mera instituição da dependência no interior da comunidade britânica.

Assim, mesmo antes de entrar na adolescência, Walter já estava engajado na distribuição de panfletos, na participação de reuniões partidárias e na absorção de milhares de horas de discussões políticas que aconteciam em sua casa. Depois, quando entrou no Queens College, a conceituada escola secundária de Georgetown, o jovem ativista político também se tornou um dos “bolsistas” tão familiares no cotidiano das Índias ocidentais na época. Brillhante, enérgico e articulado, destacou-se no desempenho acadêmico e esportivo (quebrou o próprio recorde no salto em altura), e, quando ganhou a cobiçada bolsa da Guiana para a Universidade das Índias Ocidentais em Mona, Jamaica, o caminho tradicional da distinção e do prestígio acadêmicos estava aberto para ele.

Em 1963, Rodney se formou em história com as maiores distinções acadêmicas e recebeu uma bolsa de estudos na Universidade de Londres, onde ingressou na Faculdade de Estudos Orientais e Africanos para realizar seu doutorado em história da África. Os instintos e o precoce aprendizado políticos de Walter não permitiriam que ele se estabelecesse na segurança da vida acadêmica convencional. Ao contrário, os anos passados em Londres (1963-1966) estiveram entre os mais importantes de seu contínuo desenvolvimento político e intelectual.

Ele logo se tornou parte de um grupo de estudos de jovens das Índias ocidentais que se reunia regularmente sob a orientação do homem que, na época, era o exemplo de intelectual revolucionário: C. L. R. James, teórico

marxista de Trinidad, mais conhecido por sua obra sobre a Revolução Haitiana, *Os jacobinos negros**.

A experiência com James e o grupo de estudos foi crucial como suplemento à exposição anterior de Rodney ao cotidiano da política radical do Caribe e foi também uma fonte importante de enraizamento na realidade intelectual enquanto ele circulava no mundo – às vezes surreal – da comunidade acadêmica.

Quando deixou Londres rumo à Tanzânia, em 1966, Rodney estava preparado para escrever a história a partir do que ele descreveu depois como “uma perspectiva revolucionária, socialista e centrada nas pessoas”. (Dentro dos limites de uma proposição acadêmica, sua excelente dissertação, *A History of the Upper Guinea Coast: 1545-1800*, abordava o tema a partir dessa perspectiva.)³

Durante o ano acadêmico de 1966-1967, Walter ensinou história na Universidade de Dar es Salaam, Tanzânia. Em 1968, retornou à Jamaica para assumir um cargo na universidade em que se graduou e desenvolver o que ele planejava ser um importante programa de estudos africanos e caribenhos. Mas ele queria, principalmente, testar suas convicções sobre a necessidade de que intelectuais revolucionários permanecessem enraizados na vida comum das pessoas. Walter obteve sucesso inicial nos dois desafios, mas foi precisamente essa conquista, em particular em seu trabalho com a população das ruas, colinas e várzeas jamaicanas, que levou a uma redução drástica de seu período de permanência naquele país. Em menos de um ano, Rodney havia conhecido e ajudado a articular o profundo descontentamento e a agitação que preenchiam a vida das pessoas comuns da Jamaica, bem como de um grande número de estudantes das universidades. À medida que começavam a falar e ouvir em grupo – aprendendo uns com os outros – sobre as maneiras de se organizar para a mudança, à medida que escutavam e consideravam as implicações dos poderosos apelos ao levante *black power* no país, ficou óbvio que uma efervescência profunda e imprevisível estava em ação, e o governo conservador jamaicano logo identificou Walter como um elemento estrangeiro indesejável. Assim, em outubro de 1968, enquanto participava de uma Conferência de Escritores Negros em Montreal,

* C. L. R. James, *The Black Jacobins* (Nova York, Vintage, 1963) [ed. bras.: *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*, trad. Afonso Teixeira Filho, São Paulo, Boitempo, 2000]. (N. E.)

³ A tese foi publicada pela Clarendon em 1970 e posteriormente reimpressa pela Monthly Review Press.

ele foi oficialmente expulso da Jamaica. A ação do governo provocou vários dias de protestos em Kingston, mas Rodney foi impedido de voltar.

Foi essa atividade política, combinada com a potente participação na conferência de Montreal, que despertou a atenção de muitos de nós, nos Estados Unidos, para o historiador caribenho de 26 anos. Em seguida, após a ação do governo jamaicano, colegas no grupo de estudos de C. L. R. James e outros ativistas caribenhos sediados em Londres pressionaram Walter a publicar algumas das aulas que deu na Jamaica. Com esse propósito, eles formaram a editora Bogle-L'Ouverture e, em 1969, lançaram o primeiro livro amplamente lido de Walter, *Groundings with My Brothers* [Aprendizados com meus irmãos]⁴.

Walter voltou a Dar es Salaam como professor da universidade (1969-1972), enquanto *Groundings* impressionava muitas pessoas nos Estados Unidos, em especial aquelas, entre nós, envolvidas na luta pela hegemonia em torno das definições da experiência negra (e branca) no país, uma luta que se cristalizou temporariamente no movimento dos estudos negros.

Como esperado, foi em uma das muitas conferências produzidas por esse movimento que Walter Rodney se apresentou a um grande público afro-estadunidense. Em maio de 1970, participou do segundo encontro anual da Africa Heritage Studies Association [Associação de Estudos de Tradições Africanas] da Universidade Howard. Embora um dos colaboradores desta introdução (Robert Hill) já tivesse se encontrado e trabalhado com Walter na Universidade das Índias Ocidentais, para os outros dois a conferência em Howard representou a oportunidade de conhecê-lo.

Como muitas pessoas na conferência, o que primeiro notei no irmão franzino, de fala mansa e pele negra vindo da Guiana foi a capacidade de falar sem consultar anotações – e, sobretudo, sem floreios retóricos – por mais de uma hora e ainda apresentar um conteúdo altamente informativo, organizado de forma tão cuidadosa e convincente que teria sido possível publicá-lo a partir de uma transcrição direta. Com o tempo, descobrimos que essa extraordinária disciplina intelectual (e o instinto político) era acompanhada por uma força de espírito metódica, pelo domínio do materialismo dialético, mas sem escravidão

⁴ A nova editora recebeu o nome em homenagem a Paul Bogle, líder da revolta de Morant Bay, em 1865, na Jamaica, e a Toussaint L'Ouverture, líder haitiano. Entre as pessoas mais ativamente empenhadas no projeto estavam Andrew Salkey, Jessica e Eric Huntley, Richard Small, John LaRose, Selma James, Earl Greenwood e Chris Le Maitre. Pouco depois do assassinato de Rodney, a Bogle-L'Ouverture Book Store foi rebatizada de Walter Rodney Book Store.

a ele e por um compromisso inflexível com o trabalho coletivo em favor dos condenados da terra. Não havia em Rodney uma pretensão de superioridade pessoal, e isso era perceptível graças a seu senso de humor seco e ágil. Em outras palavras, ficava claro para nós que Walter Rodney era uma força moral, política e intelectual a ser levada em consideração, um dos mais belos filhos da África.

Desde nosso primeiro encontro, soubemos que havíamos conhecido um irmão, professor e camarada. Na época da conferência em Howard, Robert Hill, Bill Strickland e eu estávamos trabalhando com outras pessoas no desenvolvimento do Institute of Black World [Instituto do Mundo Negro – IBW, na sigla em inglês], núcleo de pesquisa, publicação e promoção sediado em Atlanta. Começamos a explorar imediatamente, com Walter, algumas das maneiras pelas quais ele poderia participar conosco dessa experiência de trabalho intelectual coletivo. O resultado foi uma série de visitas em que ele passou períodos tranquilos, sem pressa, entre nós. Também tivemos em casa a companhia de sua esposa, Pat, e das crianças cheias de vida do casal: Shaka, Kanini e Asha.

Enquanto nossos laços se fortaleciam e se solidificavam, a primeira edição de *Como a Europa subdesenvolveu a África* foi publicada em uma parceria entre a Bogle-L'Ouverture e a Tanzanian Publishing House, em 1972. Para todos aqueles que puderam obter exemplares, foi como um sopro poderoso e edificante de ar fresco. Sem romantizar a África pré-colonial, Walter a inseriu no contexto do desenvolvimento humano pelo mundo, traçou suas relações históricas reais com as forças colonizadoras da Europa e sugeriu o caminho para que a África avançasse em direção a uma vida nova para seu povo e a um novo papel na remodelação do mundo.

O livro logo tocou em um ponto instigante e sensível para muitas pessoas nos Estados Unidos. Entre a população negra interessada na política, a obra desempenhou um papel formativo semelhante a *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, publicado quase uma década antes. Na verdade, os dois homens estavam tratando da devastação colonial e neocolonial; os dois apelavam por uma ruptura com o sistema explorador e destruidor para avançar e criar uma nova ordem. Os dois eram exemplos vivos da transformação que exigiam.

Assim como a influente obra de Fanon, a de Rodney partia de uma perspectiva africana/caribenha, mas nós, nos Estados Unidos, logo reconhecemos uma conexão global. Embora tenha terminado sua análise histórica primordial no fim da década de 1950, Walter ainda assim apresentou uma breve e convincente análise do papel contemporâneo dos Estados Unidos na exploração da África, alertando implicitamente contra nossa própria participação, ativa ou passiva,

em tal processo danoso. Mas também havia conexões talvez ainda mais diretas com as lutas afro-estadunidenses do início década de 1970, especialmente a análise que ele faz da educação colonial e neocolonial e de seus efeitos na mente e no espírito africanos. Por exemplo, escreveu Walter:

Em última análise, talvez o princípio mais importante da educação colonial fosse aquele do individualismo capitalista. [...] Na África, tanto o sistema escolar formal quanto o sistema informal de valores do colonialismo destruíram a solidariedade social e promoveram a pior forma de individualismo alienado sem responsabilidade social.⁵

Nós, afro-estadunidenses, reconhecemos de imediato essa condição. Aliás, um dos temas centrais do movimento pelos Estudos Negros e *black power* foi o apelo à solidariedade social entre pessoas negras e a resistência ao individualismo destrutivo do modo de vida estadunidense dominante. Pois estávamos dolorosamente conscientes da crescente alienação entre nossos jovens à medida que se moviam cada vez mais plenamente no fluxo cultural da sociedade de massa dos Estados Unidos com suas poderosas redes informais de deseducação. Assim, era natural que nós, do IBW, convidássemos Walter Rodney para participar conosco de dois projetos diretamente relacionados a essas preocupações. O primeiro, como colaborador de uma antologia de artigos, *Education and Black Struggle* [Educação e Luta Negra], que organizamos e editamos para a *Harvard Educational Review* em 1974. O artigo dele foi intitulado de “Education in Africa and Contemporary Tanzania” [Educação na África e na Tanzânia Contemporânea].

O segundo projeto era de outra natureza. No início de 1974, Walter havia sido nomeado professor e chefe do departamento de história da Universidade da Guiana. A nomeação foi considerada uma vitória patente de Walter e seus apoiadores, um reconhecimento de sua visão. Nós o convidamos a ficar parte do verão em Atlanta conosco antes de seu retorno à Guiana. Ele passou mais de um mês no IBW, desenvolvendo e liderando o Summer Research Symposium [Simpósio de Pesquisa de Verão]. Colegas de outras partes do país e do Caribe se juntaram a nós na tarefa enquanto testávamos modelos para um programa educacional que teria um escopo mais amplo e ofereceria novas alternativas para a juventude

⁵ Ver p. 287-8 neste volume.

negra nas faculdades e universidades de todo o país⁶. Ao mesmo tempo, em um ato de visão de futuro e coragem, a Howard University Press publicava a primeira edição estadunidense de *Como a Europa subdesenvolveu a África*.

A permanência de Walter no IBW naquele verão foi muito importante para todos nós. Ajudou-nos a reforçar o que pensávamos sobre o papel da intelectualidade negra em nossa sociedade e o papel que o IBW poderia desempenhar nesse fenômeno. Simultaneamente, ofereceu a Walter a oportunidade de explorar mais a fundo as implicações da singular experiência da população negra dos Estados Unidos. Além disso, nos transformou em uma comunidade junto com um grupo estimulante de estudantes e colegas de trabalho, e tínhamos expectativas quanto às possibilidades de trabalho junto com Walter em seu novo cargo na Universidade da Guiana.

No entanto, antes mesmo de Walter deixar Atlanta, começamos a receber sinais de que nem tudo ia bem com a nomeação na universidade. Quando ele chegou em casa, a palavra oficial foi dada. No último instante, em um movimento inédito, a nomeação foi cancelada, aparentemente por pressão dos mais altos escalões do governo. A partir daí, Walter Rodney, intelectual-revolucionário, começou, mais uma vez, uma profunda investigação sobre sua terra natal. Apesar de convites e demandas de muitos lugares, recusou-se, de forma taxativa, a deixar permanentemente a Guiana.

Ele havia estabelecido para si duas tarefas principais, ambas compatíveis com o modo como ele definia seu papel de intelectual negro comprometido com a libertação e o desenvolvimento de seu povo – e ambas exigiam sua presença na Guiana. A primeira era desenvolver um trabalho de grande porte, em vários volumes, sobre a história da população trabalhadora de seu país. A segunda, de abrangência geral, era mergulhar na vida contemporânea dessas mesmas pessoas e, junto com elas, tentar encontrar uma maneira de resistir a um governo que evidentemente havia traído as esperanças e a confiança delas, um governo que agora criava obstáculos para que se desenvolvessem. Em outras palavras, Walter ainda tentava enfrentar as implicações neocoloniais abordadas em *Como a Europa subdesenvolveu a África* e, sem temores, colocando a busca por soluções no centro de sua própria vida e da vida de sua nação. Ao mesmo tempo, principalmente porque Pat, sua esposa, também foi privada da

⁶ Entre os colegas que participaram do Summer Research Symposium (SRS) estavam C. L. R. James, St. Clair Drake, Katherine Dunham, George Beckford, Edward Braithwaite, Lerone Bennett, Mary Berry, Tran Van Dinh, Mack Jones e Frank Smith.

oportunidade de trabalhar na própria profissão, assistente social, ele teve de encontrar maneiras de alimentar, vestir e abrigar sua família.

Foi difícil para alguns de nós imaginar como ele fez isso, mas, apesar de uma situação de tensão e riscos em constante escalada, Walter encontrou tempo e energia para passar longas horas nos Guyana National Archives [Arquivos Nacionais da Guiana] e na Caribbean Research Library [Biblioteca de Pesquisa sobre o Caribe] da Universidade de Georgetown. Além de uma série de artigos, o principal fruto desse trabalho disciplinado e devotado surgiu quando a Johns Hopkins University Press publicou *History of the Guyanese Working People – 1881-1905* [História da população trabalhadora da Guiana – 1881-1905]. Também publicou, nesse período de luta redobrada, um importante texto, “Guyanese Sugar Plantations in the Late Nineteenth Century” [Latifúndios monocultores de cana-de-açúcar na Guiana do fim do século XIX].

Enquanto isso, ele continuava as articulações sociais. Antes do fim de 1974, havia ajudado a unificar a Working People’s Alliance [Aliança da População Trabalhadora – WPA, na sigla em inglês]. Ela se tornou sua base política na luta implacável para constituir uma força que promoveria a transformação revolucionária da sociedade guianense.

Com a ajuda de muitas pessoas dos Estados Unidos e de outras partes do mundo, Walter encontrou oportunidades para dar palestras e aulas, na tentativa de se manter em contato com seus camaradas fora da Guiana e obter os recursos financeiros de que sua família precisava. (James Turner, diretor do Centro de Estudos e Pesquisa Africana em Cornell, e Immanuel Wallerstein, da Universidade Estadual de Nova York, em Binghamton, foram particularmente prestativos conosco, que estávamos tentando organizar essas atividades.)

Sempre que Walter viajava para o exterior, ainda mais quando a repressão governamental aumentou, muitos amigos o incentivavam a sair da Guiana e partir com a família para algum lugar de relativa segurança. A resposta que ele nos dava em geral tinha duas partes. Primeiro, havia seu sentimento de responsabilidade em relação a camaradas e ao povo da Guiana. Ele dizia que estava trabalhando para encorajá-los em uma luta destemida pela transformação de si mesmos e da sociedade e que não podia partir apenas porque tinha, por casualidade, acesso imediato aos meios de fuga. Em segundo lugar, Rodney dizia que se sentia privilegiado pelos contatos que conseguiu estabelecer a partir de seu trabalho e das viagens que fez por todo o Terceiro Mundo. Para ele, esse privilégio implicava a responsabilidade de continuar a compartilhar com seu povo o teor e o espírito dessa rede internacional de mulheres e homens envolvidos

nas lutas pela libertação. Assim, sem qualquer vestígio de um desejo de se tornar mártir, mas claramente reconhecendo a situação que enfrentava, a resposta de Walter era sempre a mesma: “É fundamental que eu fique aqui”.

Perto do fim, todos esses perigos, essas esperanças e essas tensões se concentravam nos acontecimentos de uma última torrente, que durou um ano inteiro, de vida e morte. Em junho de 1979, a WPA formalizou que havia se transformado em um partido político e que trabalharia incansavelmente pela derrubada do domínio que o Congresso Nacional do Povo, de Linden Forbes Burnham, estabeleceu no país. No mês seguinte, um prédio do governo em Georgetown foi incendiado; Walter e quatro outros membros da WPA estavam entre as oito pessoas presas e acusadas por incêndio criminoso⁷. Por ser um prédio do governo, a acusação era muito grave. Mas ficou evidente para muitos observadores que a ação foi inteiramente armada como parte das medidas para reduzir a força – pequena, mas influente – da organização de Rodney. No dia das audiências de acusação, o padre Bernard Danke, sacerdote que era repórter do *Catholic Standard*, foi assassinado a punhaladas enquanto observava uma manifestação pró-WPA em frente ao edifício do tribunal. A partir daí, a repressão escalou para o que pode ser chamada de uma longa noite de terrorismo oficial, incluindo bombardeios, violência policial e as ameaças de “extermínio” de Burnham contra Walter e outros líderes da oposição WPA.

No fim de fevereiro de 1980, dois dos colaboradores mais próximos de Walter na WPA, Ohene Koama e Edward Dublin, foram mortos pela polícia; outros foram baleados e espancados; outros, ainda, presos, tendo suas casas invadidas, saqueadas e bombardeadas. Até então, alguns dos principais membros da WPA eram mantidos como presos políticos na Guiana – o governo se recusava a permitir que deixassem o país. Rodney, no entanto, conseguiu sair em maio de 1980, aceitando um convite da Frente Patriótica para planejar as cerimônias de independência do Zimbábue. Depois, Walter voltou para a Guiana, continuando a trabalhar nos arquivos e a mobilizar o povo. Em tom nefasto, ele havia dito a alguns de nós, nos Estados Unidos, que talvez não o víssemos mais.

Em 2 de junho, teve início o julgamento por incêndio criminoso, presenciado por observadores receosos do Caribe, dos Estados Unidos e da Inglaterra. Em poucos dias, ficou claro que o governo não tinha base para a acusação e

⁷ Conhecido como Referendum Five, o grupo incluía Walter Rodney, Rupert Roopnarine, Maurice Omawale, Kwame Apata e Karen de Sousa. Os cinco tiveram o julgamento negado pelo júri.

não poderia processar Rodney e seus colegas de trabalho. Consequentemente, em 6 de junho, a pedido do governo, o julgamento foi adiado até 20 de agosto.

Uma semana após o adiamento, na noite de sexta-feira, 13 de junho, Walter estava sentado no carro de Donald Rodney, seu irmão, e o esperava no banco do motorista. Eles pararam na casa de um homem que, agora, sabemos que havia se infiltrado nas fileiras da WPA. Donald Rodney entrou para pegar o que o homem disse ser um *walkie-talkie* que Walter queria. Enquanto estavam no quintal da casa do infiltrado, por volta das 19h30, o homem disse a Donald para ir embora e aguardar um sinal de teste às 20h. Donald voltou para o carro e foi embora. Quando o sinal chegou, foi a explosão que acabou com a vida de Walter Rodney.

Algumas semanas antes de sua morte, Rodney tinha sido persistentemente questionado sobre os perigos que enfrentava e sobre seus planos para se proteger. Ele dizia:

Quanto à minha segurança e à segurança de várias outras pessoas dentro da WPA, tentaremos garanti-las pelo nível de mobilização política e ação política dentro e fora do país. Em última análise, é isso, em vez de qualquer tipo de defesa física que garanta a nossa segurança. Nenhum de nós ignora a ameaça que está constantemente colocada. Não nos consideramos aventureiros, mártires ou potenciais mártires, mas achamos que há um trabalho que precisa ser feito e chega o momento em que temos de fazê-lo.*

Mais uma vez, o corajoso senso de compromisso e integridade de Walter evoca fortes lembranças de Fanon. Ele também sacrificou a vida pela libertação de seu povo e morreu antes dos quarenta anos. Ele também convocou os povos filhos da África e todos os condenados pela Europa a tomar a iniciativa e mudar nossos caminhos. Ele também nos pediu para resistir a todas as tentações de viver como vítimas permanentes, acusadores raivosos e imitadores subservientes da Europa. Foi ele quem disse:

Então, vamos, camaradas, o jogo europeu finalmente terminou. [...] Hoje vemos a Europa oscilando entre a desintegração atômica e a espiritual. [...] Devemos procurar algo diferente. Hoje podemos fazer tudo, desde que não imitemos a Europa, desde que não fiquemos obcecados pelo desejo de alcançar a Europa

* Mantivemos as citações como no original; em alguns casos, apesar de todos os esforços, não foi possível localizar as fontes completas a indicar. (N. E.)

*[tomamos a liberdade de, a partir deste ponto, alterar “Europa” para “Europa e Estados Unidos” – acreditamos que Fanon permitiria isso].**

O Terceiro Mundo enfrenta a Europa e os Estados Unidos como uma massa colossal cujo objetivo deveria ser tentar resolver os problemas para os quais eles não foram capazes de encontrar soluções.

Portanto, camaradas, não vamos pagar tributos à Europa e aos Estados Unidos criando Estados, instituições e sociedades que se inspirem neles. [...]

Se queremos que a humanidade dê um passo à frente, se queremos levá-la a um nível diferente daquele que a Europa e os Estados Unidos demonstraram, devemos criar e fazer descobertas.

Se queremos viver à altura das expectativas de nosso povo, devemos procurar a resposta em outro lugar que não a Europa e os Estados Unidos. Pela Europa e pelos Estados Unidos, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, devemos iniciar uma nova fase, devemos elaborar novos conceitos e devemos tentar colocar de pé um novo homem.⁸

Da perspectiva de Walter, era esse o “trabalho que tem de ser feito”, o desafio que ele e seus camaradas decidiram assumir – experimentando, inventando, arriscando, tentando descobrir novas formas de organização, novos meios de luta, novas visões e novos conceitos para orientá-los e embasá-los, começando em sua terra natal. Para Walter Rodney, a WPA era uma parte do trabalho, e a pesquisa e escrita era outra. Ele não via contradição entre elas; todas as partes da missão eram mantidas coesas pela retidão de sua vida, pela força disciplinada de suas visões e por seu amor eterno pelas pessoas e seu potencial. Assim, ele tratava de fazer o trabalho que precisava ser feito.

Além disso, o que foi dito a respeito de Malcolm X também pode ser dito sobre Walter: “Ele se tornou muito mais do que teve tempo de ser”.

Agora, estamos plenamente conscientes do fato de que o tempo que ele não tem mais é, na verdade, nosso; de que está em nossas mãos continuar e redefinir o trabalho que ele assumiu, estejamos nós onde estivermos, sejamos nós quem formos. O chamado ao qual ele tentou responder está aí para todos nós: “Se queremos que a humanidade dê um passo à frente... devemos inventar e fazer

* O trecho em itálico corresponde a uma observação dos prefaciadores sobre a alteração feita no restante da citação. (N. E.)

⁸ Franz Fanon, *The Wretched of the Earth* (Nova York, Grove, 1963), p. 252-5 [ed. bras.: *Os condenados da Terra*, trad. José Laurêncio de Melo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968].

descobertas... devemos iniciar uma nova fase, devemos elaborar novos conceitos e devemos tentar colocar de pé uma nova humanidade”⁹.

O LEGADO DE WALTER

É em nossas tentativas corajosas e criativas de responder a tal chamado tão magnífico que começamos a romper as correntes de nosso subdesenvolvimento e a abalar as fundações de toda a exploração humana. E será que já não está claro, a esta altura, que o processo de exploração leva a uma humanidade subdesenvolvida tanto no “centro” quanto na “periferia”? Já não percebemos que o subdesenvolvimento do centro, a pátria dos exploradores, está apenas disfarçado sob bens materiais e armamentos mortais, mas que a nudez e o atraso humanos ainda assim estão ali? Então, quem entre nós não precisa romper as molas do passado para transcender e recriar nossa história?

Talvez seja apenas ao aceitarmos o desafio de Walter e Fanon que estaremos prontos para desistir de todos os jogos mortais do último meio milênio, buscando novos meios de defesa, novas formas de luta, novos caminhos para a revolução, novas visões do que a sociedade verdadeiramente humana exige de nós. Apenas ao começarmos a considerar tais pensamentos, refletir sobre tais ideias, estaremos preparados para reexaminar com atenção e, então, ir além dos admiráveis limites de *Como a Europa subdesenvolveu a África*, avançando – da mesma maneira que Rodney e Fanon – para fazer uma nova pergunta: como devemos desenvolver o mundo novamente?

Começando por nós mesmos, começando por onde estamos, o que devemos derrubar, o que devemos construir, que bases devemos estabelecer? Com quem devemos trabalhar, que visões podemos criar, que esperanças vão se apoderar de nós? Como vamos nos organizar? Como vamos nos relacionar com aqueles que fazem as mesmas perguntas na África do Sul, em El Salvador, na Guiana? Como vamos compartilhar com outros a urgência de nosso tempo? Como vamos idealizar e operar a transformação revolucionária de nosso próprio país? Quais são as invenções, as descobertas, os novos conceitos que nos ajudarão a avançar em direção à revolução de que precisamos nesta terra?

Nem a retórica nem a coerção nos serão úteis agora. Devemos decidir se permaneceremos debilitados e subdesenvolvidos ou se participaremos de nossa própria cura, assumindo o desafio de desenvolvermos novamente a nós mesmos,

⁹ Ibidem, p. 255.

ao nosso povo, à nossa nação ameaçada e à Terra. Ninguém pode nos forçar a isso. De acordo com os parâmetros tradicionais, não há garantias de sucesso – como o sangue de nossos mártires e heróis, conhecidos e menos conhecidos, como Walter Rodney e Frantz Fanon, Ruby Doris e Fanny Lou, Malcolm e Martin testemunham plenamente.

Mas há um mundo esperando por nós; aliás, muitos mundos nos aguardam. Um é o mundo de nossas crianças, ainda não nascidas ou apenas iniciando a vida e querendo viver, crescer, tornar-se as melhores pessoas possíveis. Isso não acontecerá a menos que, como sugere Walter, o centro seja transformado e fundamentalmente alterado. Isso não acontecerá a menos que *nós* sejamos transformados, nos desenvolvamos outra vez, nos renovemos. O futuro de nossas crianças depende dessas transformações rigorosas.

O DESAFIO AFRO-ESTADUNIDENSE

Além disso, há outro mundo, mais difícil, que nos aguarda: o de filhos e filhas da Europa e dos Estados Unidos que começaram a descobrir o próprio subdesenvolvimento, que reconhecem a deformação e a perda da sensibilidade de seus espíritos. Sem ensaiar todos os velhos argumentos políticos sobre coalizões e alianças, sem nos esquecermos do passado nem ficarmos presos a ele, devemos encontrar maneira de responder a eles e permitir que entrem em contato conosco. Isso não é luxo passageiro, no velho estilo das “boas relações”. Pelo contrário, agora percebemos que os filhos e as filhas de oprimidos e opressores estão implicados em uma relação dialética que é mais profunda do que a maioria de nós opta por reconhecer e que não existe novo desenvolvimento para uns sem os outros. Esse é um fardo pesado, mas também representa uma grande possibilidade. Nos Estados Unidos, com nossa história singular, é também uma realidade inegável.

Assim, é por meio dessas questões difíceis que retornamos a Walter e sua grande obra. Agora, o que parece ser exigido de nós quando revisitamos *Como a Europa subdesenvolveu a África* é que desta vez façamos uma leitura à luz da vida e da morte de Walter Rodney; desta vez façamos uma leitura conscientes do perigoso e explosivo centro estadunidense; desta vez façamos uma leitura na companhia de nossos filhos e filhas; desta vez façamos uma leitura na presença do insistente chamado de Fanon a todos nós.

Então é provável que vejamos, mais evidentemente que nunca, que o subdesenvolvimento causado pela Europa na África e em outros mundos exigia que o continente europeu destruísse a si mesmo e a todos – e a tudo – que

ficaram sob seu domínio. Portanto, os feridos são todos à nossa volta e entre nós. Agora, abrindo-nos a todos aqueles que reconhecem a dialética brutal do subdesenvolvimento, que reconhecem as forças coesas de nossas necessidades comuns, nossos perigos comuns e nossas possibilidades comuns, podemos começar a nos firmar em uma solidariedade recém-enraizada e nos aproximar uns dos outros, enfrentando o duro, mas belo, fato de que ou devemos desenvolver novamente a nós mesmos e a nosso mundo ou seremos empurrados juntos para dentro de um terrível e explosivo apagar das luzes.

É óbvio que, se escolhermos seguir o caminho de nossa comunidade essencial, não poderemos chegar longe reagindo principalmente à urgência do medo (pois isso repetiria a história em vez de transformá-la e seria desleal com um irmão corajoso como Walter). Pelo contrário, devemos ter como motivação o fato de que há muito a nos atrair. Por exemplo, um dos componentes promissores que se contrapõe aos padrões de dominação/subordinação nos últimos quinhentos anos tem sido a propensão da humanidade a construir redes de comunicação e inter-relação – as quais, por sua vez, possuem grandes possibilidades de formar novas comunidades, superando barreiras tradicionais, nacionais. Reformulados e redirecionados, os mecanismos de exploração podem colocar a nosso alcance alguns meios de renovação do desenvolvimento.

Agora está em nossas mãos superar nossa história, romper os grilhões do passado, renovar nosso próprio desenvolvimento, o de nosso povo, nossa nação e nosso mundo, a fim de encontrar maneiras humanas, criativas e destemidas de lidar com aqueles que atualmente se opõem a tal desenvolvimento. São visões audaciosas e responsabilidades verdadeiramente fora do comum, mas devemos seguir em frente. Na verdade, nos parece evidente que, mesmo sem qualquer garantia de sucesso, devemos seguir o fluxo do que a humanidade tem de melhor, da imaginação mais criativa, rumo a nossos sonhos mais profundamente renovadores.

Qualquer coisa menor que isso é inadequada a momentos arriscados. Qualquer coisa menor seria indigna da memória de nosso irmão, das necessidades de nossas crianças ou de nossas próprias capacidades magníficas e inexploradas.

Março de 1981
Vincent Harding
Robert Hill
William Strickland